

ESTADO DE SÃO PAULO

*Parceria universidade-ensino básico**Educação*

24 FEV 1995

**U**m dos caminhos para melhorar a qualidade da educação brasileira é garantir, por todos os meios, envolvimento imediato e intenso da universidade no processo de atualização e aperfeiçoamento do professor de primeiro grau.

Já faz algum tempo que a universidade — ou segmentos dela — vem se preparando para essa tarefa. A educação pública paulista, por exemplo, conta há anos com suas universidades para oferta de cursos de treinamento e de reciclagem. Em período de recesso, em diferentes cidades e com diferentes resultados, mestres de todos os graus do ensino se encontram dos dois lados da mesa do professor. Este modelo de parceria, que foi e continua sendo uma boa idéia, foi inaugurado nos anos 80.

De lá para cá, entretanto, esta parceria parece vir encontrando seus limites. Deixa a desejar, principalmente, pelo seu caráter esporádico. Mas não obstante sua descaracterização progressiva, deixou frutos. Não mui-



**Às vezes o resultado é um dolorido acúmulo de desalento e desencanto**

tos, mas alguns. Dentre estes, a certeza de que uma parceria entre universidade e ensino de primeiro grau, se bem coordenada, menos episódica e, sobretudo, rigorosamente avaliada pode responder, imediatamente e substantivamente, à demanda pela qualificação do ensino brasileiro. O qual tem remédio, mas precisa ser dado em doses fortes e bem administradas.

Como subproduto de suas até hoje esporádicas parcerias com a escola de primeiro grau, as universidades desenvolveram um certo know-how. Envolveram-se em diferentes tarefas propostas por diferentes órgãos das intrincadas redes públicas de educação e, não poucas vezes, o que aprendeu nessas iniciativas se traduziu em projetos de fôlego maior, de duração mais longa, com atividades diversificadas e periodicamente avaliadas.

Esses (raros) casos foram extremamente produtivos.

Neles alguns segmentos da universidade (re)encontraram o sentido

político e social de seu trabalho, e docentes da escola de primeiro e segundo graus (re)aprenderam o prazer do conhecimento.

Mas cursos não esgotam as formas assumidas pelo desejado compromisso da universidade com os níveis de educação que a precedem. Com muita freqüência também, tal compromisso se traduz em pesquisas, publicações, teses e eventos, ao longo dos quais variados aspectos de diferentes práticas educativas são analisados e discutidos, sendo propostas reformulações e alternativas.

São estes alguns dos saldos que marcam as relações da universidade brasileira com a educação de primeiro grau. Mas, nesta instável relação, nem tudo é crédito, há também os débitos: às vezes o resultado visível da parceria é um dolorido acúmulo de desalento e de desencanto. Do lado da universidade, por exemplo, desencanto com a falta de reconhecimento acadêmico deste trabalho dito de extensão; do lado da escola, desalento com a incapacidade de a universidade dar respostas exequíveis a problemas reais.

Mas, eufórica ou desencantada, desalentada ou entusiástica, a outra história de encontros e desencontros entre o ensino brasileiro de diferentes

níveis é a experiência de que se dispõe. E é só a partir dela que novos patamares na parceria essencial da universidade com outros graus de ensino podem ser atingidos.

Para favorecer o estabelecimento destes novos patamares é fundamental conhecer o maior número possível das manifestações assumidas por tal parceria: as que deram certo e as que não deram, hipóteses para o fracasso de umas e o sucesso de outras, razões para acertos e desacertos parciais, enfim, conhecimento amplo dos projetos levados a cabo, das publicações e pesquisas relativas ao assunto, e, sobretudo, uma competente e sistemática avaliação de tudo isso.

A partir de um tal banco das experiências, o necessário e urgente projeto de uma parceria intensa é continuada das universidades para a qualificação da educação brasileira teria mais chances de dar certo. Sem a recuperação de sua história recente a discussão pode patinar, e as propostas dela derivadas correr risco de naufrágio nos onerosos caminhos da improvisação.

Conta alta, que ninguém precisa pagar.

**■ Marisa Lajolo é professora titular do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp**